

TECNOLOGIAS DIGITAIS: EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Carla de Queiroz Ribeiro
Universidade do Estado da Bahia

Fabrcia da Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia

Marisela Pi Rocha
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: No início do ano de 2020, o Brasil e o mundo foram surpreendidos com a chegada do Covid-19, fazendo com que, em boa parte do nosso país as escolas fechassem. Todos esses problemas resultaram na continuidade do ensino via Internet - por meios eletrônicos. Com base nisso, o artigo em questão tem por objetivo refletir sobre a utilização mais adequada dos meios digitais, métodos e metodologias, considerando as necessidades e recursos reais dos educandos e como a tecnologia tem colaborado para a continuidade da educação em tempos de pandemia e quais dificuldades foram encontradas ao longo desse processo. A nossa pesquisa bibliográfica traz reflexões tendo em vista autores como Carvalho (2006), Palú (2020) e Pacheco, *et al* (2017), Ribeiro, *et al* (2020), entre outros. Por meio desta, notamos que no campo da educação, a falta de conhecimento e de acesso de muitos à internet ou mesmo a equipamentos eletrônicos tem dificultado a continuidade da educação através das plataformas digitais.

Palavras-chave: Educação. Pandemia. Tecnologias Digitais.

Introdução

No início do ano de 2020 fomos surpreendidos com o boom da transmissão em massa do popularmente chamado de novo coronavírus que acarretou na pandemia da Covid19.

Os primeiros registros do SarsCov 19 ou Coronavírus, foram feitos em 2019 na cidade chinesa de Wuhan, a partir desses o vírus se espalhou rapidamente pela China (Ministério da saúde, 2020), em seguida de países asiáticos, europeus, americanos e de repente todos os continentes se viram submersos na onda de contágio. A alta capacidade de contaminação do vírus fez as organizações de saúde darem ordens para o isolamento social, pois visualizavam a partir da menor circulação de pessoas um número menor de infectados, caso contrário haveria sobrecarga dos sistemas de saúde.

Frente a isso, o mundo parou, todas as atividades consideradas não essenciais, para o momento, foram suspensas - entre elas as escolares. No Brasil, não foi diferente, a maior parte

da população foi instruída a ficar em isolamento social. Cada um em sua casa e sob recomendação de medidas de higienização e protocolos determinados pelos órgãos de saúde em prol da não contaminação (uso de máscara para quando precisasse sair e de álcool em gel).

Crescentes foram o número de pesquisas em busca de remédios e em especial de uma vacina com eficácia - uma corrida entre os cientistas de todo o mundo. Mesmo enfrentando diversas dúvidas sobre o vírus e sua capacidade de mutação, as primeiras vacinas chegaram e estão sendo usadas de modo emergencial, o foco agora é vacinar o maior número de pessoas possíveis.

Desde o início da pandemia no País (Brasil) até quarta-feira (17/03/2020), segundo dados do G1 (2020), tivemos 285.136 óbitos registrados e mais de 11,7 milhões diagnosticados com Covid-19, números que batem recordes a cada dia (24hrs). Contrário a isso, a vacinação caminha a passos lentos, ainda conforme levantamentos do G1, somente 10.713.615 pessoas receberam a primeira dose de vacina contra a Covid-19, número representa 5,06% da população brasileira

A pandemia está nos proporcionando experiências extremas, desafiadoras e a cada dia novas informações preocupantes tomam conta dos noticiários, vemos instaurada uma crise sanitária, a humanidade está refém de um vírus que causou uma desestabilidade impossível de mensurar, deixando-nos em meio a um caos econômico, social e político.

Buscando cumprir com medidas de proteção solicitadas pela Organização Mundial da Saúde, o Ministério da Educação (MEC) decretou por meio da Portaria nº 3433, que a partir de 17 de março do ano de 2020 ocorresse a suspensão das aulas presenciais em todo território nacional. O MEC propôs que as aulas fossem ofertadas na modalidade de Ensino Remoto, com adesão voluntária por parte das instituições. Ao atender a Portaria nº 343, as instituições públicas e privadas de ensino da Educação Básica e Superior deveriam adaptar e adequar suas práticas pedagógicas para ofertarem o ensino na nova modalidade.

Tais adequações perpassam pelo uso de diferentes tecnologias e metodologias, no intuito de garantir o não distanciamento total dos estudantes da educação. A partir disso, as tecnologias digitais, cuja utilização nunca esteve distante da educação desde que surgiram, ganharam espaço para manutenção das aulas.

Anterior a pandemia, as tecnologias, de modo geral, funcionavam como instrumentos de catalização do conhecimento visto a versatilidade de esta canalizar o conhecimento e torná-lo acessível de maneira mais rápida e prática. Assim, é perceptível as possibilidades de ampliação do ensino para além do espaço físico. Os estudantes têm buscado cada vez mais

ferramentas on-line para ampliarem seus conhecimentos, seja através de objetos digitais que dão suporte como vídeo aulas ou acesso a livros, artigos, entre outros materiais pedagógicos, bem como experiências culturais, com a utilização de ambientes virtuais que possibilitam assistir a filmes, visitar museus ou laboratórios, dentre outros.

No entanto, não era esperado ter de usar somente meios digitais e internet para dar continuidade aos estudos, ainda que as contribuições tecnológicas atreladas as propostas pedagógicas já estivessem sendo estudadas.

Diante disso, notamos que o despreparo para tal adaptação é a somatória de problemas anteriores a pandemia. Toschi (2003), em *Tecnologia e educação: contribuições para o ensino*, já afirmava que “a escola precisa é de maior competência comunicativa para ser sensível e ouvir este mundo, ouvir o que as crianças e jovens têm a dizer”, em outras palavras, a escola precisa adaptar-se aos interesses das novas gerações ou acabará por perder a atratividade. Em *Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem*, Kenski (2005), trouxe estudos sobre a importância da adequação do planejamento pedagógico para o uso de tecnologias nas atividades de ensino presenciais ou a distância. Klein, *et al* (2020), no artigo *Tecnologia na educação: evolução histórica e aplicação nos diferentes níveis de ensino*, abordam por meio de uma revisão de literatura, equívocos na utilização de instrumentos tecnológicos e afirma que os maiores problemas estão ligados na não inserção de tecnologias, no momento certo, de maneira adequada, e na falta de formação continuada de docentes.

Visto a importância destas discussões, sabendo das dificuldades do presente momento e dado o fato de estarmos passando pela experiência do Ensino Remoto, discutiremos sobre as seguintes questões:

- (a) como as tecnologias digitais são usadas em prol da educação?
- (b) qual a diferença entre Ensino Remoto e Educação a distância?
- (c) ensino Remoto está sendo acessível a todos? Se não, existe alguma política pública que facilita o acesso?

Buscamos por fim, compreender como a tecnologia tem colaborado para a continuidade do ensino em tempos de pandemia e se existem, quais as dificuldades foram encontradas ao longo desse processo.

2 Metodologia

Para elaboração deste trabalho foram feitas pesquisas e leituras a respeito da tecnologia, da educação escolar, a relação que estas possuem entre si e como ficou após a Pandemia da Covid19.

Trata-se assim, daquilo que Gonzalez, *et al* (2014) coloca como pesquisa bibliográfica, pois buscamos adquirir conhecimentos sobre as temáticas com base em referências teóricas já publicadas, tais como: livros, artigos, monografias, dissertações de mestrado, entre outros.

Não significando, porém, uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas sim um novo exame de uma temática, em um outro período e sob nova abordagem, chegando a conclusões inovadoras (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Desta forma, usamos aqui artigos, monografias e pesquisas. Dentre os autores e autoras os mais usados foram Carvalho (2006), Palú (2020), Pacheco, *et al* (2017), Ribeiro, *et al* (2020), entre outros.

3 Tecnologias digitais utilizadas em prol da educação: breve histórico

A sociedade vive um momento de expansão tecnológica/digital, na qual tornou-se mais rápido e prático fazer atividades diárias, pesquisas para o trabalho e/ou escola, funções que demandam um tempo maior. Locomoção e esforço passaram a se limitar a um clique. Já é comum a utilização de aplicativos em substituição às filas, seja para compras (em supermercados e lojas), idas ao banco ou ainda para evitar a espera de um ônibus e/ou táxi. Além disso, o acesso às informações, sejam estas quais forem, passou a ser mais simples e conseguidas em grande número diariamente.

Se por um lado é importante e bom saber sobre os acontecimentos diários do nosso contexto social (da nossa cidade, do país ou do mundo), por outro o acúmulo de informações dá-nos maior propensão para leituras superficiais, questão preocupante em especial para os educadores – tendo em vista o aumento da chegada dessas aos estudantes. Percebe-se ainda que a disseminação rápida e a facilidade em publicar sobre qualquer assunto propicia consequentemente o aumento de notícias falsas, sob as quais nem sempre o internauta consegue discernir que se trata de uma mentira.

Todas essas vantagens e desvantagens citadas estão ligadas direta (ou indiretamente) ao que hoje conhecemos com Internet. Mas como, quando e com qual intuito surge a Internet? No início da década de cinquenta do século passado, segundo Carvalho (2006), em meio ao contexto após a II Guerra Mundial e diante da Guerra Fria, período cheio de testes de bombas

nucleares, crises políticas, conflitos bélicos dispersos pelas diversas regiões do mundo, pelos quais os países buscavam demonstrar sua soberania, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos resolveu conduzir um estudo independente sobre sistemas de defesa aérea.

Sob recomendação do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Os Estados Unidos, em 1953, criaram um laboratório (*Laboratório Lincoln*) que foi destinado para a criação de tal sistema - mais tarde denominado de SAGE (*Semi-Automatic Ground Environment*) (CARVALHO, 2006). Surge desse projeto a primeira interligação entre mais de um computador, seria uma espécie de internet limitada somente aos computadores do exército norte-americano para facilitar a comunicação entre seus membros. Infelizmente, não foi tão utilitário para se livrar dos mísseis mais tarde, mas foi de grande importância para a tecnologia, servindo de inspiração para projetos posteriores que resultaram no que hoje chamamos de *Internet*.

Internet, uma rede de computadores dispersos por todo o planeta que troca dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura (DICIO, 2020). É, portanto, um meio de globalização de informações de quaisquer espécies, é aberta a todos, mas não é acessível para alguns, disponibiliza conteúdos socialmente éticos e não éticos, a depender do uso de cada internauta.

No Brasil, as primeiras experiências com a internet, segundo Buys (2011), foram em 1991, quando pela primeira vez, sob alguns privilégios, os pesquisadores universitários puderam trocar mensagens eletrônicas, pois na época a internet brasileira era uma rede exclusiva das universidades e dos centros de pesquisa. Nos dias atuais, ainda com muitas restrições e não acessibilidade por parte de uma parcela da população mais pobre, tem-se mais de 134 milhões de usuários, de acordo a pesquisa TIC Domicílios 2019.

O mundo passou a ser visto de uma forma menor após as conexões via web, é como se o planeta e todas as informações contidas nele coubesse em uma telinha de computador, ou na palma das nossas mãos, no caso dos celulares. Uma revolução que chegou, ficou e modificou nossa forma de ler as coisas e de nos conectar com as pessoas, trouxe inúmeros benefícios e praticidades, assim como o inverso.

A tecnologia surge para melhoria dos instrumentos que atendem as necessidades humanas, caracterizando-se pela intencionalidade de seu uso, aperfeiçoamento e progressividade da humanidade, é mais que manuseio de aparelhos e equipamentos, é cultura que possui implicações éticas, políticas/sociais, econômicas e educacionais (TOSCHI, 2005).

A internet, como uma tecnologia, não é diferente, esta tem implicações em todos os âmbitos sociais, seja positiva ou negativamente.

A evolução consideravelmente rápida da internet, dos celulares e outras tecnologias de fácil acesso, e a chegada as camadas populares, foi um dos fatores preponderantes para que os responsáveis pela educação começassem a pensar em como utilizar essas ferramentas na prática educativa. Pois, queira ou não estariam/estão presentes no campo educacional, já que “independente do uso mais ou menos intensivo de equipamentos midiáticos nas salas de aula, professores e alunos têm contatos durante todo o dia com as mais diversas mídias” (KENSKI, 2005), ou seja, ainda que seu uso não se destine ao suporte pedagógico, as pessoas mantêm contato o tempo todo com os mesmos.

Além disso, as gerações mais jovens são inseridas desde a infância no contexto tecnológico e, por vezes, até mesmo possuem acesso aos artefatos digitais (celulares, tablet, etc.), pois o ambiente familiar e social lhes proporciona tal acesso (CORRÊA, *et. al*, 2020). Dessa forma, em consonância com Pacheco, *et al* (2017), compreende-se que frente a sociedade da informação, é inviável que as escolas façam uso somente da lousa, do pincel/giz e livro didático como instrumentos na prática educativa, porquê, sendo assim, essas não estariam preparando os sujeitos para o mercado de trabalho ou mesmo para a convivência social.

Uma vez introduzida no campo educacional, as interações entre as tecnologias e os alunos, passa a ser de responsabilidade da escola, e o princípio destas é a promoção da aprendizagem por meio de novos métodos educacionais, visado facilitar a aprendizagem, aproveitar melhor o tempo e contribuir para melhoramento do desempenho dos educandos (KLEIN, *et. al* 2020).

Para Pacheco, *et al* (2017), o uso de tecnologias em aula auxilia na inserção e na participação dos estudantes na sociedade, que continuamente está sob evolução tecnológica; facilita a compreensão nos conteúdos, dos mais simples até os mais difíceis; aumenta o interesse em interagir e aprender, pelo fato da aula se tornar interessante e prazerosa; e os prepara melhor para o mercado de trabalho, que se torna mais exigente a cada dia tratando-se de conhecimento nas áreas de inovações digitais.

A tecnologia passa, então, a ser indispensável nas nossas vidas e tende a aprimorar-se cada dia após dia, fazendo com que vivamos em constantes adaptações. Como meio de formação, a escola não pode, de forma alguma, distanciar-se dessas mudanças, caso contrário

ficará aquém de seu tempo e será dispensada ou trocada por outros meios sociais para obtenção de conhecimentos.

4 Ensino Remoto x Educação a Distância

Todas essas questões de utilização da tecnologia como ferramenta educacional permeiam e se afluaram ainda mais ao chegarmos a 2020 e sermos surpreendidos com a pandemia do Covid19, que se espalhou como o nome já sugere, pelo mundo, e nós brasileiros, não ficamos de fora. A capacidade rápida de transmissão do vírus fez a Organização Mundial da Saúde, junto aos ministérios de cada país, tomar algumas medidas, tais como a de distanciamento social, com essa, diversas atividades foram interrompidas, dentre elas, as atividades escolares.

Como ficaria a educação diante de um cenário de medo, apreensão, pessoas contaminadas, milhares de mortos e os estudantes sem poderem sair de casa para estudar? A inexistência de uma vacina, de remédios (tratamento) ou mesmo informações sobre o vírus, sua atuação no organismo humano, e as possíveis sequelas, impactou em vários aspectos. Em meio a tantas incertezas, diversos setores sociais foram fechados, tais como o da Educação, no qual as instituições de ensino, em todos os níveis, tiveram suas atividades presenciais suspensas. Sem previsão de retorno às atividades, os responsáveis por esse setor tiveram que se reinventar de modo a continuarem atuantes. Um desafio para todos os envolvidos: estudantes, professores, pais, e demais representantes do corpo escolar.

Começaram, então, análises e avaliações sobre a possibilidade de ensino on-line, entra em pauta a Educação a distância (EaD) e o Ensino remoto. Mas o que é mesmo cada um desse? E se existe, qual a diferença?

As instituições de ensino desenvolveram novas formas de ter contato com seus alunos enquanto as unidades permanecem fechadas, a migração para os meios digitais foi uma delas. O uso de plataformas que possibilitam a interação e aproximação dos envolvidos em tempo real tornou-se comum.

E com isso, equivocadamente, começaram a tratar de Ensino Remoto e a EaD como sendo a mesma coisa. Para Behar (2020), não devemos considerar sinônimos, pois, o Ensino Remoto caracteriza-se como uma mediação pedagógica por meio da tecnologia, em que os professores readaptam seus trabalhos/atividades e o currículo, programados anteriormente para aulas presenciais, para as plataformas digitais, visto que estão impedidos de frequentar o

ambiente institucional. O ensino remoto, ainda segundo a autora, propõe o distanciamento geográfico dos professores e alunos, mas, permite a interação social em tempo real e é uma medida adotada temporariamente.

De acordo com Oliveira, *et. al* (2020), nas plataformas digitais podemos ter interações e estudos de duas maneiras, com interações síncronas (que se caracterizam como o acesso de maneira simultânea ao ambiente virtual em tempo real, proporcionando a interação entre os participantes) e interações assíncronas (que correspondem a flexibilização do tempo de estudos, onde se tenha atividades em que os alunos desenvolvam no seu próprio tempo).

Já a Educação a distância, caracteriza-se segundo o decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, no seu art. 1:

Art.1- (...) educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

As EaDs, já são criadas com a proposta de ensino a distância, seja esse disponibilizado digitalmente de forma total ou parcial, seus currículos e atividades são programados/pensados para ambiente virtual, assim como a formação dos profissionais que ali irão atuar, a participação de equipes multidisciplinares, os tutores envolvidos, os gestores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de tutoria, e demais envolvidos no corpo educacional. E é sabido também que estas estão presentes desde antes da pandemia.

5 As dificuldades de conexão com aulas remotas

A pandemia fez uma reviravolta no ambiente escolar, colocando-nos a pensar uma nova forma de ser escola, em que pudesse haver mediações e trocas de conhecimentos, com a construção de uma nova rotina através de aulas que tivesse uma nova perspectiva e um novo ambiente, sem perder o propósito inicial de ensinar (KIRCHNER, 2020).

Assim, a volta presencial não seria possível, e por isso, algumas instituições, respeitando as legislações (como no caso das baianas) decidiram que o melhor seria dar continuidade às aulas remotamente, para não perder o vínculo com os alunos.

Essa nova versão da sala de aula levantou inúmeros questionamentos para os professores, alunos e familiares: Como se daria essas aulas por mediação tecnológica? Os estudantes teriam meios tecnológicos e acesso à internet para acessar as aulas? Como seria o processo de interação e avaliação do conhecimento, além da formação para acessar essas plataformas? E aqueles que não possuem acesso à internet, como estudariam?

De acordo Palú (2020) as aulas vêm acontecendo através de diferentes plataformas digitais, ainda que nem todos os estudantes tenham acesso a essas tecnologias, em alguns casos, nem mesmo acesso à internet - para esses alunos as escolas tentam fornecer os materiais de estudos de maneira impressa, para serem retirados na própria instituição, fato que também não ajuda, considerando a longa distância entre a escola e a casa de muitos dos estudantes.

Além disso, o ambiente escolar era o único espaço adequado para os estudos, que muitos alunos tinham, para ter acesso à internet. Com o distanciamento, a não condição de pagar um plano de internet e acesso limitado por meio dos pacotes de dados oferecidos pelas operadoras de celulares, não proporcionam requisitos suficientes para estudar e se manter conectado, acessando as aulas remotas, e assim alguns estão sem estudar.

Neste sentido, faz-se necessário o apoio das instituições aos discentes, não somente na questão de educação, mas também, no quesito de solidariedade humana, tendo compreensão e auxiliando àqueles que não possuem acesso à Internet para dar continuidade aos estudos.

As famílias dos estudantes, em especial as das escolas públicas, encontram-se mais vulneráveis. Como cita o Instituto Unibanco (2020), é necessário que a Escola realize pesquisas para saber as suas condições de vida pessoal, bem como estudantis, verificar a questão do acesso aos aparelhos (tais como notebook, computador, tablet e/ou celular) e da conectividade para traçar estratégias de ensino e de aprendizagem que possam englobar a todos.

Há professores, também, que não estavam preparados para essas modalidades de ensino, assim tiveram que acessar cursos para se formarem. E segundo Palú (2020)

[...] o trabalho dos professores e professoras [...] triplicou, pois além da participação na formação para trabalhar em todas essas novas ferramentas, passaram a ter que alimentar plataformas on-line, fazer a conferência dessas atividades, dar a devolutiva para os alunos, atender pais, alunos e equipes escolares via aplicativos, preencher o diário de classe atendendo às novas exigências, planejar e disponibilizar atividades remotas que não utilizam as tecnologias digitais para alunos que não têm acesso à internet, realizar a avaliação do processo ensino-

aprendizagem nesses novos moldes. Tudo isso a partir de sua própria casa, utilizando seus próprios recursos (PALÚ, 2020, p.97).

Ou seja, tiveram que se readaptar e agora com maiores cobranças e afazeres, tornaram-se mediadores de conhecimento via web, e precisam mais ainda do apoio das famílias, em especial na educação infantil para que o ensino aconteça.

Com a utilização dessas novas formas de ensino, é preciso, de acordo Farias; Giordano (2020, p. 63) considerar possíveis parcerias com as famílias. É necessário orientar o aluno e os seus responsáveis, pois são eles que auxiliarão as crianças nas tarefas escolares remotas, em seus lares”. Tarefa nada fácil, pois como sabemos, no País nem todas as pessoas são alfabetizadas. Por outro lado, os pais querem que seus filhos estudem, o que significa dizer que nem toda criança terá auxílio dos pais em suas tarefas escolares, por serem esses analfabetos.

Vemos assim, que a situação da educação vai para além da formação tecnológica, o acesso a ela. Conforme afirma Filho, *at al* (2020), a acumulação do capital sem precedentes, somadas ao caos sanitário posta à toda a sociedade mundial, transparece, em especial no País, de maneira cruel as péssimas condições e as dificuldades que a escola enfrenta já atrelada à desigualdade do acesso à educação pública de qualidade.

Ao encontro disso, dados da pesquisa Tic Domicílios de 2019 apontam que 20 milhões de domicílios brasileiros ainda não possuem acesso à internet, e dos 134 milhões de usuários, 58% acessam somente pelo celular, ou seja, pagam planos de operadoras que como sabemos em áreas mais distanciadas o sinal não é de qualidade. Existem aquelas que não possuem conhecimento sobre a internet e por esse motivo estão desconectadas, essas somam 47 milhões de brasileiros e brasileiras.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do último trimestre de 2018, mostrou que a porcentagem de jovens estudantes, com 14 anos ou mais que têm acesso à internet, ultrapassa 95% nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste, na região Norte são 81% e no Nordeste 86% - percentuais que caem ao incluir os adolescentes de 10 a 13 anos, ficando na faixa de 92% nas três primeiras regiões, 71% na região Norte e 79% na região Nordeste (ARRUDA, 2020). Todas essas dificuldades, somadas à falta de experiência dos alunos e professores com as novas plataformas para o ensino, acabaram por retardar e dificultar a qualidade das aulas remotas.

Frente a tais questões, estão em tramitação no Senado Federal desde junho de 2020, dois projetos com intuito de auxiliar as famílias de baixa renda, são eles: o Projeto de Lei nº 3466, que visa criação do Programa Bolsa Internet, e destina-se à subvenção econômica nos serviços de conexão à internet; e o Projeto de Lei nº 3462, que cria o Auxílio-Conexão para assegurar o acesso dos estudantes à educação remota por meio da conexão com rede mundial de computadores – Internet em banda larga fixa e móvel, e dá outras providências (BRASIL, 2020).

Para Ribeiro, *et al* (2020), a demora na aprovação compromete a aprendizagem de muitos estudantes, e os efeitos dos auxílios podem não ser como esperado, pois os educandos necessitam desses para adquirem computadores e internet já estão perdendo aulas e atividades, além de verem seu desenvolvimento sendo prejudicado em comparação àqueles que possuem os instrumentos adequadas para continuidade dos estudos.

Na contramão de todos esses problemas, o presidente da República, Jair Bolsonaro, vetou por completo o Projeto de Lei (PL 3.477/2020), que tinha como ementa garantir acesso a internet, com fins educacionais, para docentes e discentes da Educação Básica pública. Como uma das justificativas do veto, o presidente argumentou que tal medida não apresentava estimativa do respectivo impacto orçamentário e financeiro, ou seja, de até quanto gastariam com o programa. Já os Ministérios da Economia e da Educação evidenciaram que a proposta traria alta rigidez no orçamento, ocasionando dificuldades no cumprimento da meta fiscal e da regra de ouro, prevista na Constituição Federal (AGÊNCIA SENADO, 2020). Em resumo, vemos o governo mais preocupado com gastos que com a manutenção da saúde, da educação e cidadania de sua população.

Considerações Finais

É triste precisar de uma crise sanitária para as pessoas, em especial os governantes desse País enxerguem de forma nítida a desigualdade social estruturalmente estabelecida. Mais revoltante é vê-los “fazer de conta” que nada disso está acontecendo, é ver pessoas morrendo em meio a um caos desenfreado, enquanto autoridades máximas minimizam a situação, ver pessoas passando fome, enquanto tais dizem que o fundo monetário do Brasil não possui capacidade de pagar o Auxílio Emergencial com um valor digno de se fazer uma cesta básica ou ainda propiciar Internet gratuita para que os estudantes mantenham seus estudos em dia.

A pouca preocupação com uma educação de qualidade e como dar possibilidade para que essa seja acessível a todos, nos faz refletir sobre o quão elitizado é o conhecimento.

Na tangente a tecnologia digital, essa chegou e modificou as nossas vidas e a sociedade como um todo, é hoje algo indispensável para a maior parte das pessoas. Nesse sentido, a preocupação passa a ser em como inserir os estudantes no contexto da tecnologia? ou como utilizá-la como ferramenta metodológica? E ainda como torná-la um bem comum acessível a todas as pessoas?

A certeza que temos é de que mantê-la fora da escola seria um retrocesso, além do mais depois de um momento de uso tão efetivo dos meios tecnológicos, assim como é de responsabilidade do Poder Legislativo criar leis para torná-la de fácil aquisição pelos brasileiros e brasileiras.

Referências

AGÊNCIA SENADO. Vetado projeto que dava acesso à internet a alunos e professores da rede pública. Brasília - DF, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/19/vetado-projeto-que-dava-acesso-a-internet-a-alunos-e-professores-da-rede-publica>. Acesso: 20 mar. 2021.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação Remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, maio 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso: 19 mar. 2021.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. julho, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia>. Acesso: 18 out. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017**. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso: 18 out. 2020.

BRASIL. **Projeto de Lei n° 3462, de 2020**. Cria o Auxílio-Conexão para assegurar o acesso dos estudantes integrantes de famílias de baixa renda à educação à distância por meio do acesso à rede mundial de computadores – Internet em banda larga fixa e móvel, e dá outras providências. Brasília, DF: Senado, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/142744>. Acesso: 19 mar. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei n° 3466, de 2020**. Cria o Programa Bolsa Internet, destinado à subvenção econômica nos serviços de conexão à internet. Brasília, DF: Senado, 2020.

Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/142774>.
Acesso: 19 mar. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 3.477, de 2020**. Dispõe sobre a garantia de acesso à internet, com fins educacionais, aos alunos e professores da educação básica pública. Brasília, DF: Senado, 2020. Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2256081>.
Acesso 30 mar. 2021.

BUYS, Bruno. 20 anos da internet no Brasil: universalização do acesso em expansão. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 6-9, 3 jun. 2011. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252011000300003>. Acesso: 16 out. 2020.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. Dissertação (para obtenção do título de mestre em Engenharia de Sistemas e Computação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. DOI [10.13140/2.1.2908.8325](https://doi.org/10.13140/2.1.2908.8325). Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Marcelo_Carvalho17/publication/268809917.
Acesso: 16 out. 2020.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (Cetic.br). **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros –TIC Domicílios**, 2019. Disponível em:
https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso: 04 nov. 2020.

CORRÊA, Carlos Eduardo Ferla, *et.al.* Tecnologia e educação: uma relação democrática? **Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão**, Paranaguá, PR, v.5, n.3, p. 241-01, 241-19, 2020. Disponível em:
<http://periodicos.ifpr.edu.br/index.php?journal=MundiETG&page=article&op=view&path%5B%5D=1224>. Acesso: 03 nov. 2020.

DICIO. **Dicionário online de português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso: 28 out. 2020.

INSTITUTO UNIBANCO. **Como apoiar as famílias durante o fechamento das escolas**. 2020. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/como-apoiar-as-familias-durante-o-fechamento-das-escolas>/Acesso: 18 mar. 2021.

FARIAS, Mirian Zuqueto; GIORDANO, Cassio Cristiano. **Educação em tempos de pandemia de COVID-19: Adaptação ao ensino remoto para crianças e adolescentes**. 2020. Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/pedagogiacao/article/view/23759>. Acesso: 03 nov. 2020.

FILHO, Astrogildo Luiz de França. *et al.* Alguns apontamentos para uma crítica da educação a Distância (EaD) na Educação Brasileira em tempos de Pandemia. **Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 16-31, maio 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50535>. Acesso: 19 mar. 2021.



em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24549_12672.pdf. Acesso: 04 nov. 2020.

PALÚ, Janete. A crise do capitalismo, a pandemia e a educação pública brasileira: reflexões e percepções. In. PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Alan; MAYER, Leandro (orgs).

Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração-2020. p.87-106.

RIBEIRO, Renata Maia. *et al.* Políticas públicas como forma de minimizar a desigualdade digital evidenciada pela pandemia. **Conedu VII Congresso Nacional de Educação – Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos.** Maceió, 2020. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA21_ID7309_01102020184941.pdf. Acesso: 19 mar. 2021.

TOSCHI, Mirza Seabra. **Tecnologia e educação:** contribuições para o ensino. Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande-MS, n. 19, p. 35-42, 2005.

Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/443>. Acesso: 03 nov. 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Carla de Queiroz Ribeiro

Acadêmica em Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia. E-mail: carla_cba12@hotmail.com.

Fabrcia da Silva Souza

Acadêmica de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus XII. Bolsista do Pibid (CAPES). E-mail: fabricia.gbi98@gmail.com.

Marisela Pi Rocha

Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências/UFBA, Especialista em Psicologia Educacional/PUC-MINAS, Pós Graduação em Neuropsicopedagogia/Universidade Cândido Mendes; Pós Graduação em Gênero e Sexualidade/Faculdade Dom Alberto. Professora Substituta na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XII; Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire/ NEPE/ UNEB/ Campus XII e GEHFTIM - Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Famílias, Territórios, Identidades e Memórias/UESB/JEQUIÉ. E-mail: mariselaroc@gmail.com.